

4º CNEF – DISCURSO DE ABERTURA

Ernesto Albuquerque, Presidente da Direcção do CNAPEF

Exmos. Senhores Oradores,

Digníssimos convidados,

Exmos. Senhores Professores de Educação Física

Prezados colegas

Faço votos para que o IV Congresso Nacional de Educação Física, à semelhança dos anteriores Congressos, seja um MOMENTO ALTO de reflexão sobre a situação profissional e as necessidades de Desenvolvimento da Disciplina de Educação Física.

O CNAPEF parte para mais um importante contributo, tendo bem presente que esta reflexão, contextualizada por factores sociais e educativos, será, no entanto, sempre condicionada pelo Sistema Educativo.

Numa sociedade que se sente "em mudança", temos obrigação profissional de contribuir na construção dessa mudança, para que a Sociedade Educativa acompanhe o desenvolvimento onde a conquista de qualidade no Ensino seja um propósito e a Educação Física seja, de facto, mais um elemento determinante na Formação dos jovens, como contributo indispensável para a aquisição dos hábitos e práticas socialmente desejáveis, onde Saúde e Bem-Estar podem sair beneficiados.

Quem melhor do que os Profissionais de Educação Física sabe defender os interesses da Disciplina e da Classe, na óptica da construção de modelos de organização e intervenção que sejam o garante de um desenvolvimento equilibrado dos jovens, tendo em vista a sua plena intervenção na Sociedade?

É este pressuposto que tenho como justificação para dizer que vale a pena continuarmos a nossa aposta no sentido de uma maior dinâmica associativa, para a conquista de mais qualidade no ensino da Educação Física.

Quando analisamos as causas que foram determinantes na construção do movimento Associativo, verificamos que se situam a dois níveis. Por um lado, as que reduziram preocupações de âmbito profissional, tendo como linha de força a necessidade que a classe sentia de actualização de conhecimentos, o constatar da degradação subalternização de que estava a ser alvo a Disciplina de Educação Física

com a notável falta de instalações e a absurda definição sobre o modelo que se estava a desenhar ara o exercício da função docente.

Por outro lado, e como “causa próxima” da rápida dinâmica associativa, esteve a crise de Dezembro/aneiro de 1986/87, na Escola de Formação de Professores de Lisboa - ISEFL.

Em Fevereiro de 1987, numa reunião espontânea no hotel Altis, em Lisboa, mais de 500 professores aprovaram, entre outras coisas, o envio imediato de uma Carta Aberta ao Ministro da Educação e a realização de um Congresso Nacional em 1988. Tal atitude deveu-se, em primeiro lugar, a deliberações tomadas para a política educativa, com indesejáveis alterações curriculares nos cursos de Formação de Professores do Instituto de Lisboa, e a criação de Cursos de Educação Física nas Escolas Superiores de Educação. Em segundo lugar, deveu-se ainda à promulgação do decreto que deixava para uma terceira fase a construção das instalações para a leccionação da disciplina de Educação Física.

Foi neste quadro de deliberações políticas, desajustadas e absurdas, que os professores de E. E sentiram a necessidade de se organizarem.

Surgiram novas Associações de Profissionais de âmbito distrital e regional e aumentou a participação Profissional nas Associações já existentes.

A realização do 1º Congresso Nacional de Educação Física (1988) é o culminar de um conjunto de acções protagonizadas pelas várias estruturas associativas que, desde 1982, estavam empenhadas em defender princípios próprios da classe e fomentar valores inerentes à Disciplina de Educação Física e ao Desporto Escolar.

O êxito do 1º Congresso deveu-se ao Movimento Associativo que assumiu uma organização onde temas de terminantes para a qualidade do ensino foram tratados: PROGRAMAS, FORMAÇÃO DE PROFESSORES, RECURSOS E DESPORTO ESCOLAR.

A Classe dos Professores de E. E, desde então, passou a possuir uma riqueza que impunha ser gerida: por um lado, as Associações de Profissionais já constituídas, por outro, as deliberações profissionais saídas do 1º Congresso Nacional.

Foi dentro deste clima de elevados registos de consciência de classe que os Professores de E. E sentiram que estavam reunidas as condições para se constituir um órgão que a nível nacional e internacional que:

- protagonizasse a voz das Associações, na tentativa de resolução dos inúmeros problemas com a Educação Física, o Desporto e a Escola;

- fosse o ponto de articulação das actividades desenvolvidas localmente pelas diversas APEF's, salvaguardando, no entanto, as suas dinâmicas específicas;

- desse corpo às suas decisões e actividades de conjunto.

Na sequência do 1º Congresso Nacional e tomando como referências as decisões da Reunião Magna de professores, realizada em 1987, no Hotel Altis, em Lisboa, é constituído em 1989 o CNAPEF.

Hoje o CNAPEF é a estrutura congregadora e coordenadora das Associações de Professores e Profissionais de Educação Física (APEF's).

As APEF's, de âmbito distrital e regional, sócias do CNAPEF são 17 e abrangem praticamente todas as regiões do Continente, Açores e recentemente a Madeira.

O CNAPEF tem o seu programa centrado em três grandes preocupações:

1. A defesa da Deontologia e Ética da Classe que representa.

2. O equacionar dos problemas que afectam o funcionamento da Educação Física e do Desporto Escolar.

3. A constante procura de soluções no sentido do exercício digno da Profissão.

A sua actividade tem sido enquadrada nas áreas de:

- dinamização de conferências e debates;

- tomadas de posição e elaboração de pareceres sobre leis e propostas do ME;

- colaboração em Projectos, protagonizados pelo Poder Central e Local, sobre matérias no âmbito da nossa actividade profissional.

Sobressai como objectivo da nossa actividade a colaboração com as Autarquias, com as Direcções Regionais de Educação e com o ME, tentando encontrar meios para a dignificação da profissão de Professor, para a conquista da qualidade do Ensino e para dignificação da Disciplina de E. E É também imperativo da nossa acção construirmos uma relação sistemática de trabalho, quer com as APEF's quer com outras áreas disciplinares, tendo como preocupação consolidar estratégias pedagógicas e didácticas, no sentido de contribuirmos para uma actualização regular de conhecimentos e para a Formação Permanente dos Professores.

Como pontos altos de cada triénio, o CNAPEF chama a si a organização de um Congresso Nacional (CNEF).

O I CNEF teve lugar em Novembro de 1988, na Figueira da Foz;

O II CNEF teve lugar em Novembro de 1991, em Tróia;

O III CNEF teve lugar em Dezembro de 1994, em Ofir. Todos estes Congressos mobilizaram fortemente os Professores de E.F. para os problemas que afectavam o exercício da sua especialidade. Nestes momentos, formularam-se estratégias de intervenção que permitiram participar na construção de soluções, contribuindo assim para uma nova realidade na Educação Física e Desporto na Escola. Neste contexto, é de realçar a participação dos Profissionais e das suas Associações na construção dos Programas Nacionais de E. E e o valioso e insubstituível contributo para a construção de um modelo de Desporto Escolar.

Exmos. Srs. Professores de E. F:

O CNAPEF tem como passado as referências que apresentei; contudo, a sua dinâmica será sempre aquilo que o movimento associativo determinar. É o movimento associativo Distrital ou Regional que define para a respectiva associação as áreas de intervenção e objectivos a atingir. a CNAPEF, como Conselho Nacional, terá por base a qualidade do trabalho das diversas associações.

As APEF's, realidade que conheço bem, têm orientado a sua acção no sentido de manterem viva a reflexão em torno dos princípios científicos, pedagógicos e da ética profissional que necessitam de ser aprofundados face à urgência de encontrar linhas orientadoras e conceitos que facilitem a institucionalização de projectos comuns entre os profissionais, as escolas e as autarquias. É nossa convicção que só com esta dinâmica será possível potenciar os meios existentes para o progresso do Ensino e da Educação, com reflexos inegáveis no desenvolvimento da comunidade.

Não há desenvolvimento sustentado sem associativismo, mas não basta a simples existência de Associações para que haja esse desenvolvimento. Mais importante do que a sua existência é a visão que as orienta e o esforço inteligente que desempenham.

As Associações têm como génese a coesão dos seus associados para a discussão e apresentação de orientações de políticas educativas. Contudo, se permanecerem reduzidas a este papel, dificilmente terão contributos como motores da inovação e desenvolvimento.

Num momento em que a indefinição e a turbulência vigoram, desde a imprevisibilidade sobre a Formação de Professores até à inexistência de lei para as indústrias dos ginásios, é fundamental que as Associações se organizem para que possam ser charneiras do desenvolvimento, orientadas por estratégias ofensivas,

suportadas pela defesa da qualidade do Ensino e pela dignificação da Profissão de Professor e defesa do cidadão.

Uma acção dirigida para estes três vectores passa pela nova visão que urge traçar para as Escolas e por modelos de reflexão sustentados por quem é depositário de adequados conhecimentos científicos para o ensino. Uma correcta opção de estratégia e planeamento para um Sistema necessita de profunda reflexão centralizada, tendo como parceiros os reconhecidos depositários desse “saber” - os Professores.

Constatamos, porém, que não é fácil construir um movimento associativo forte e dinâmico dado o voluntarismo de que ainda se revestem estas instituições profissionais.

Contudo, quando se centra a nossa atenção na estruturação de serviços que, de forma imediata, dão respostas às necessidades dos Professores e do Cidadão comum, estamos a caminhar para a validação e consolidação do Associativismo.

Todo o futuro tem de ser perspectivado pelos dirigentes, na óptica da qualidade do ensino para prestígio da classe. São estas prerrogativas o garante do reconhecimento público do valor e importância do trabalho dos Professores de E. E e das respectivas Associações.

Da nossa experiência podemos concluir que, se numa fase inicial a responsabilidade na dinâmica associativa cabe quase inteiramente aos dirigentes, é de salientar que a conquista de uma base sólida dos propósitos associativos só se consegue com uma participação significativa dos Professores em todas as escolas, clubes, Autarquias.

Nunca é demais afirmar que só existirá acção associativa, de facto, quando os profissionais participarem com o seu saber nas reflexões e nas decisões que envolvem a dinâmica profissional. O Professor não se pode colocar simplesmente na atitude de mero usufruidor dos serviços, mas na de elemento vivo e colaborante, com o seu conhecimento e influência, na construção de uma prática e de uma ética profissional dignificantes.

Desejamos que o IV Congresso Nacional de Educação Física seja o momento a partir do qual se assinale uma prestação mais alargada e crítica dos Profissionais de Educação Física, que se venha a traduzir num reforço de contributos de onde saiam beneficiados os alunos das nossas escolas.

Será necessário mudar muito. Todas as “mudanças” arrastam consigo as dificuldades inerentes a um sistema institucionalizado.

Os Profissionais não podem permanecer a “tentar ser ouvidos” ou sentirem a sua acção e disciplina serem subalternizadas por gabinetes que não são de Educação Física e por áreas que são de “complemento curricular”.

É urgente que se produza uma inflexão nestas atitudes organizacionais, o mesmo seria dizer que o aconselhamento sobre a disciplina de E. E nas vertentes programáticas, de recursos, metodológicas e processos para o seu desenvolvimento, deve passar por um gabinete próprio, com os Profissionais de E. E, onde haja “lugar” para a opinião das instituições que representam a classe e a Disciplina de E.F. - a SPEF e o CNAPEE. Não pode este congresso ficar por aqui. Estou certo que, após este debate de ideias, iremos produzir documentos onde se consubstancie a importância de se traçar um caminho diferente na definição das Habilitações para a Docência, que se aconselhe a reflexão e reformulação da Reforma Curricular, recursos, carreiras e actividades físicas extra-escolares.

Consideramos que estas matérias devem ser coordenadas, numa reflexão permanente, e com as consequentes reformulações, por um gabinete próprio, com sérias preocupações de intervenção na construção de uma Educação Física equilibrada, para todos, onde terá lugar o Desporto Escolar como actividade de Complemento Curricular. O desafio está lançado. As respostas, essas, serão certamente aqui construídas, e continuá-lo-ão a ser - assim o desejamos - fora deste auditório. Esta a postura do CNAPEF, do Movimento Associativo. Parar de reflectir, evitar o debate, a oposição de ideias, o confronto de ideias, a diferença dos métodos, aceitar o conformismo e os discursos inócuos, acatar imposições e decisões contrárias aos interesses da classe, dos alunos, da sociedade, ou, numa palavra, alhearmo-nos das nossas responsabilidades de cidadãos, com direito a Voz e a Agir, evitando participar na construção do sistema sócio - educativo de que somos parte integrante e fundamental, não será, nunca, a nossa forma de estar.

Que se desiludam os detractores da E. F. e do desporto, quem quer que sejam e onde se encontrem, ocultos ou assumidos, poderosos ou simples marionetas, de um lado ou de outro da barricada, treinadores de bancada ou catedráticos, em nome individual ou reunidos em lobbies.

A todos tentaremos responder com a união da classe na divergência de ideias. No debate aberto e franco e na busca de soluções. Na divulgação e apoio aos profissionais no seu trabalho quotidiano. Na denúncia dos atentados aos valores que preconizamos. É, pois, o Movimento Associativo a melhor resposta à necessidade

permanente de defender a classe e de colaborar activamente no desenvolvimento do desporto e, em particular, da disciplina de E. E e do Desporto Escolar.

Votos de bom trabalho.

Obrigado